



**Fecomércio PE**  
**Sesc | Senac**  
**Instituto Fecomércio**

**Boletim Conjuntural**

1º Trimestre de 2015

# BOLETIM CONJUNTURAL

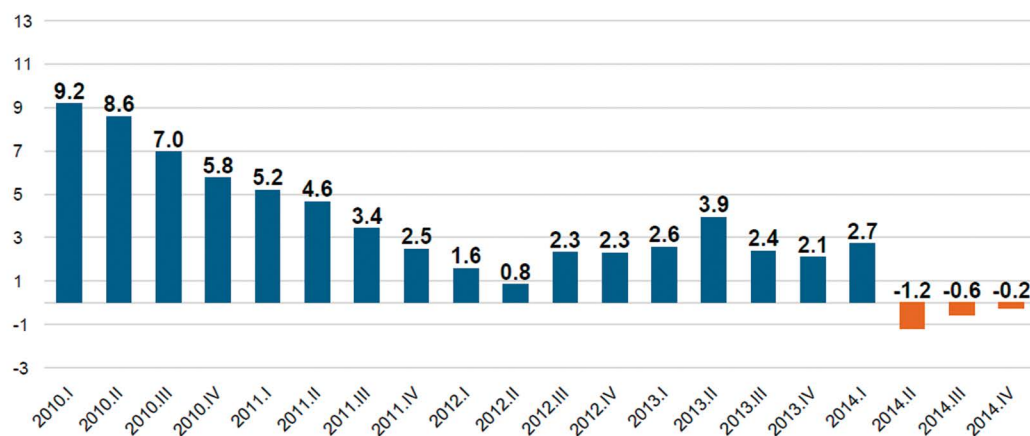
Boletim conjuntural do comércio varejista de Pernambuco: 1º Trimestre 2015

## 1. CONTEXTO NACIONAL E REGIONAL

Informações das Contas Nacionais (IBGE) revelam que, após o pico alcançado no 1º trimestre de 2010, a trajetória da economia brasileira está longe de caracterizar crescimento sustentado. De fato – conforme comparação sistemática entre o trimestre de determinado ano e o correspondente trimestre do ano anterior –, após o referido pico o ritmo de crescimento é claramente declinante, com breve

ensaio de modesta recuperação em seguida ao menor crescimento observado no 2º trimestre de 2012. Tal recuperação, no entanto, se esgota depois do crescimento de 2,7% no 1º trimestre de 2014 (Gráfico 1). A trajetória novamente se reverte nos três trimestres seguintes (-1,2%; -0,6%; e -0,2% – respectivamente), o que leva a um quadro de retração nos últimos três trimestres terminados em dezembro de 2014.

**Gráfico 1. Brasil: Variação trimestral do PIB a preços de mercado, em % - 1º Trim. 2010 a 1º Trim. 2015 (base: igual período do ano anterior)**



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais-IBGE. Elaboração CeplanMulti. \*Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Assim, o crescimento anual do PIB brasileiro em 2014, comparativamente ao ano anterior, foi de apenas 0,1%. Tal resultado – mesmo contrastado a um baixo crescimento populacional – leva a redução do PIB per capita (-0,7%), o que se traduz em retração da produção de bens e serviços do país nesse ano.

O que inquieta – não só os agentes econômicos, mas obviamente a própria população – é a perspectiva de dias piores ao longo de 2015,

quando se herda a retração observada nos últimos trimestres do ano anterior, o que vem alimentando projeções de declínio do PIB nacional, neste ano, de mais de 1,0%.

Tal quadro de retração da economia brasileira tem sido significativamente influenciado pelo crescimento negativo do produto industrial. De fato, a queda da produção industrial brasileira, em 2014, montou a -1,2% – conforme o IBGE. Um elemento-chave, o investimento

para o conjunto da economia, sofre declínio ainda mais expressivo (-4,4%), o que se associa a expectativas negativas que mudam o ambiente de negócios.

Por outro lado, resultados de pesquisa recente realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), referentes ao 1º trimestre de 2015, revelam retração generalizada de indicadores como valor real do faturamento (-6,0%), horas trabalhadas (-8,5%), massa salarial real (-4,1%), emprego (-3,9%), e rendimento médio real do trabalho (-0,2%), relativamente ao 1º trimestre do ano passado.

A esse panorama podem ser adicionados dois elementos cruciais que contribuem para alimentação de expectativas negativas e consequente impacto sobre decisões de investimento. Primeiro, inflação (IPCA, Índice de Preços ao Consumidor Amplo); a marca de 6,4% em 2014 (tocando o teto da meta de 6,5% estabelecida pelo Banco Central) pode ser sucedida por algo como 8,3% este ano, conforme estimativas recentes, nos termos do mais recente Relatório de Mercado Focus, do Banco Central, que capta projeções e expectativas do mercado.

O segundo elemento é o lado fiscal do setor público. O não cumprimento da meta de superávit primário estabelecida para 2014, e o fato de o setor público brasileiro transitar de uma situação de superávit fiscal em 2013 para déficit em 2014 tem como resposta o quadro de ajuste fiscal projetado para o corrente ano. Em tal contexto, fatores inibidores do crescimento econômico ganham maior importância.

Tal panorama termina por afetar a esfera de economia que espelha o desempenho macroeconômico: o mercado de trabalho. De fato, conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua/IBGE), a taxa de desemprego do país elevou-se a 7,9% no primeiro trimestre de 2015 (havia sido de 6,5% no primeiro trimestre de 2014). Trata-se da maior taxa registrada desde o primeiro trimestre de

2013 (8,0%); isso concretamente se traduz em um contingente de quase oito milhões de desempregados. Também foi verificado um acréscimo na população desempregada, ao mesmo tempo que se registra um declínio da população ocupada do país. Com efeito, no primeiro trimestre de 2015 a população ocupada do Brasil era composta por 90,0 milhões de trabalhadores ante um contingente de 92,9 milhões no quarto trimestre do ano passado. Portanto, o número de desempregados se amplia via demitidos que buscam nova ocupação e por membros das famílias afetadas por desemprego, redução da renda e/ou endividamento do chefe do domicílio, que passam a também ampliar as fileiras dos que buscam ocupação.

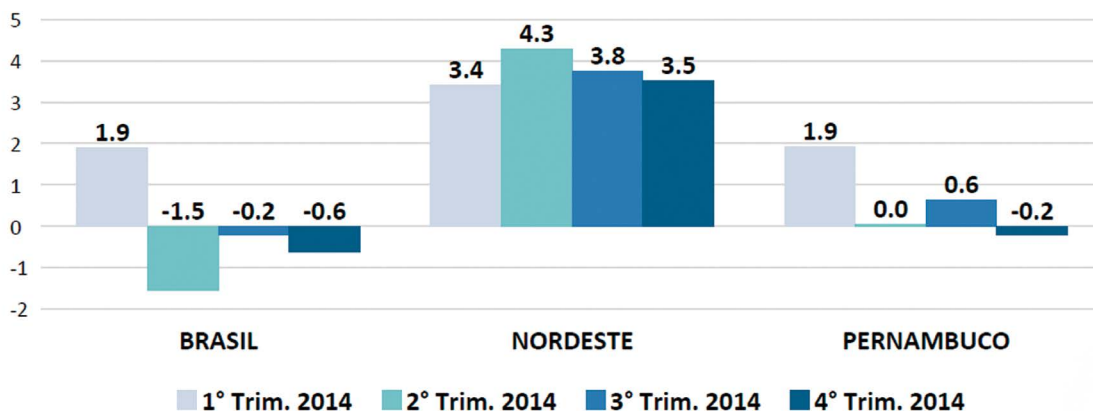
Agregue-se à análise um corte regional (ver Gráfico 2). A economia brasileira, a economia do Nordeste e a pernambucana revelaram desempenho diferenciado – em 2014 –, conforme o Índice de Atividade Econômica (Banco Central).

A economia nacional referenda a desaceleração iniciada no 2º trimestre de 2014, encerrando o ano praticamente no mesmo nível do ano precedente.

O Nordeste sofre clara desaceleração do crescimento (4,3%; 3,8% e 3,5% – nos três últimos trimestres, respectivamente), alcançando 3,7% quando consolidadas as informações para o ano.

A economia de Pernambuco, por seu turno, revela trajetória de redução do crescimento; em termos consolidados, com influência significativa do crescimento observado no 1º trimestre, o resultado anual vai a 1,4% (bem abaixo da média regional).

**Gráfico 2. Brasil, Nordeste e Pernambuco: variação trimestral do Índice de Atividade Econômica (em %) -1º Trim. 2014 ao 4º Trim. 2014 (base: igual período do ano anterior)**



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração CeplanMulti.

Pode-se apontar como elemento central, no esforço de análise até aqui despendido, que a retração da economia brasileira, iniciada em 2014, ganha sequência no corrente ano, indicando sinais de aprofundamento da crise. Quanto mais tarde for logrado, via políticas de ajuste e correção de rumo, se reconstruir os fundamentos macroeconômicos para o crescimento da economia, expectativas negativas

permanecerão sendo alimentadas – tanto entre consumidores quanto entre agentes da produção –, com impactos negativos sobre o consumo das famílias, o que certamente continuará afetando expectativas, no sentido negativo, tanto de consumidores quanto de empresários, com efeitos adversos sobre a demanda por bens e serviços e sobre a destinação de recursos para investimento.

## 2. DESEMPENHO DO COMÉRCIO VAREJISTA NO 1º TRIMESTRE DE 2015: PERNAMBUCO NO CONTEXTO NACIONAL E REGIONAL

O agravamento da situação econômica do país no 1º trimestre de 2015, conforme argumentado na seção anterior, naturalmente tem reflexos negativos sobre o desempenho do comércio varejista.

A esse respeito, observem-se as informações apresentadas no Gráfico 3, sobre o chamado Varejo Ampliado (que resulta de agregação, ao conjunto de atividades do comércio varejista, dos segmentos de ‘material de construção’ e de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’).

No âmbito nacional, observa-se – depois de um fraco desempenho do nível de atividade do

comércio ao longo do ano de 2014 – um aprofundamento do declínio das vendas, ilustrado por variação negativa de -5,3% no primeiro trimestre deste ano ante o mesmo período do ano passado.

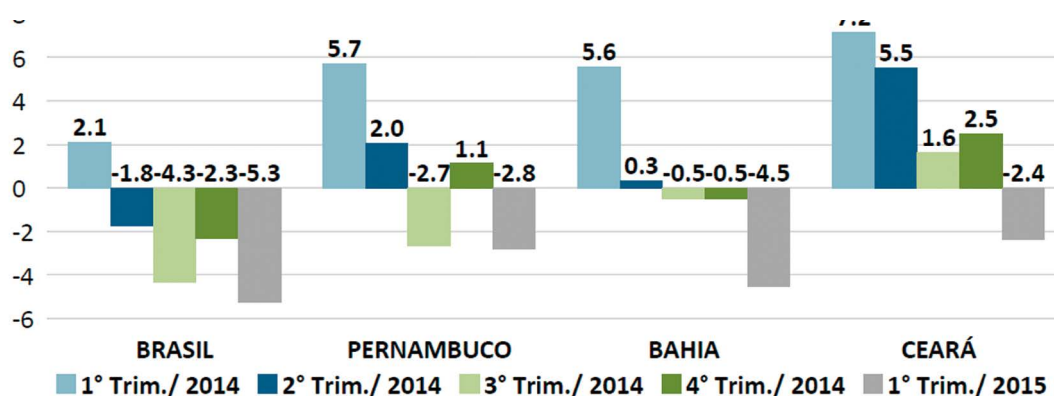
Recorra-se ao confronto analítico entre Brasil e os três principais estados nordestinos, no que respeita ao desempenho do varejo ampliado. Aflora o maior aprofundamento da retração das vendas no plano nacional, observando-se variações negativas desde o 2º trimestre de 2014, o que culmina com forte declínio do volume das vendas realizadas no primeiro trimestre de 2015 (-5,3%).

Aos três estados do Nordeste contemplados na análise se associam, respectivamente, as seguintes variações, no mesmo trimestre: Pernambuco (-2,8%); Bahia (-4,5%); e Ceará (-2,4%). Trata-se de variações negativas, mas cada uma em nível inferior ao declínio de 5,3% registrado para o país como um todo.

Interessa se observar que – durante o ano de 2014 – enquanto Pernambuco e Bahia já

apresentavam desempenho que se aproximava do verificado no plano nacional do varejo ampliado, o Ceará – apesar de, como os outros espaços considerados, revelar trajetória declinante – ainda mantinha variações positivas em todos os trimestres. No entanto, a entrada no ano de 2015 traz o Ceará para a mesma trajetória de significativa retração das vendas, tal qual se verifica nos casos do país e dos outros dois estados nordestinos objetos da comparação.

**Gráfico 3. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação trimestral do volume de vendas do Comércio Varejista Ampliado (em %) – 1º Trim.2014 ao 1º Trim.2015(base: igual período do ano anterior)**



Fonte: Pesquisa Mensal de Comércio-IBGE.

(\*) O Comércio Varejista Ampliado inclui os segmentos 'veículos, motocicletas, partes e peças' e 'material de construção', além dos demais segmentos do varejo.

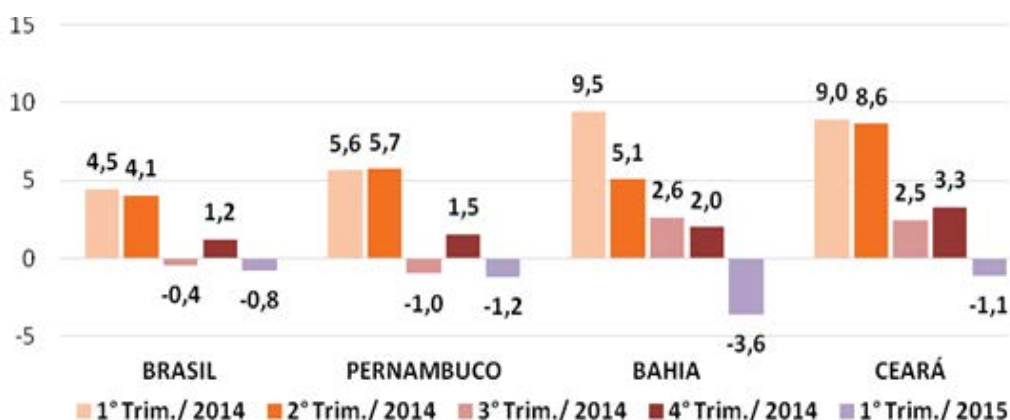
Deve ser considerado que a expressiva redução do volume de vendas do varejo ampliado (relembre-se que tal agregado inclui os segmentos de material de construção e de veículos e autopeças) é bastante influenciada pela forte queda das vendas de automóveis, segmento que tem destacada relevância na composição desse agregado no comércio. A propósito, anote-se que a Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) projeta para 2015 um declínio de 18% da venda de veículos leves e de mais de 30% no caso de caminhões e ônibus. Acrescente-se a esse quadro que o último balanço da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) revela redução de 16,2% na produção de automóveis, no acumulado do primeiro trimestre do ano,

em comparação com o mesmo período do ano passado. Ademais, as montadoras de automóveis, comerciais leves, caminhões, ônibus e máquinas agrícolas eliminaram 3,6 mil vagas, de acordo com a mesma fonte (Anfavea). Com tal desempenho do mercado, as montadoras adotaram inicialmente medidas de corte de produção com lay-off (suspensão temporária e remunerada dos contratos de trabalho), férias coletivas e Programas de Demissão Voluntária (PDVs) e, mais recentemente, passaram a demitir abertamente seus trabalhadores. Além disso, a crise pela qual o setor automotivo passa motivou o fechamento de 250 concessionárias no país nos quatro primeiros meses deste ano, de acordo com a Federação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Fenabreve).

O Gráfico 4 propicia que se examine o comportamento do comércio varejista – agora sem a incorporação dos segmentos de material de construção e de veículos e autopeças. Uma primeira evidência é o fato de que o varejo, a despeito de também revelar significativo declínio, enfrenta quadro menos adverso, em comparação ao comércio varejista ampliado. De fato, a contraposição entre os respectivos desempenhos do Varejo Ampliado e do Varejo – no 1º trimestre de 2015 – revela, respectivamente, os seguintes resultados: Brasil (-5,3% e -0,8%); Pernambuco

(-2,8% e -1,2%); Bahia (-4,5% e -3,6%); e Ceará (-2,4% e -1,1%). Portanto, para todos os territórios analisados o varejo apresenta um resultado menos desfavorável. Reitere-se que isso se deve, em relevante proporção, ao expressivo declínio das vendas de veículos, que responde significativamente pela redução das vendas no varejo ampliado.

**Gráfico 4. Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação trimestral do volume de vendas do Comércio Varejista (em %) - 1º Trim.2014 ao 1º Trim.2015(base: igual período do ano anterior)**



Fonte: Pesquisa Mensal de Comércio-IBGE.

(\*) O Comércio Varejista Ampliado inclui os segmentos 'veículos, motocicletas, partes e peças' e 'material de construção', além dos demais segmentos do varejo.

Em resumo, o desempenho negativo observado no varejo é de queda generalizada, porém menos intensa relativamente ao constatado com respeito ao varejo ampliado. Todavia, enfatize-se ser preocupante a expressiva e inequívoca dimensão da desaceleração do volume de vendas no comércio, qualquer que seja a composição do varejo tomado como referência.

Observe-se que, ao contrário do varejo ampliado (em que os referidos estados do Nordeste vivenciam situação menos desfavorável do que o país como um todo), no caso do varejo a situação se inverte: os três estados nordestinos aqui

considerados revelam declínio mais acentuado do que o identificado no país como um todo.

No presente estágio da análise, é importante que se aluda a fatores econômicos que afetam a evolução das vendas no Varejo. Trata-se de mencionar, no que se refere ao presente momento da economia brasileira, os seguintes – entre outros – fatores em operação: i) queda do poder de compra dos consumidores por conta da persistência de pressões altistas sobre os preços; ii) forte endividamento das famílias; iii) níveis elevados de inadimplência; iv) expectativas negativas a respeito do desempenho da

economia, o que se acentua com efeitos adversos, já perceptíveis, sobre o nível de emprego, em vários segmentos de atividade econômica, particularmente no setor industrial – como já aludido neste documento. E, finalmente, redução da massa salarial, por causa da diminuição do número de empregados, mesmo com um pequeno ganho real de salário para os que continuam ocupados.

Considere-se, ademais, que níveis elevados de inadimplência contribuem para tornar as instituições financeiras ainda mais seletivas, o que – via percepção de aumento do risco de operações de crédito – contribui para elevação das taxas de juros de mercado. Trata-se de fatos que têm efeito restritivo sobre o volume de crédito direcionado a consumidores do Varejo. Ademais, na medida em que se aprofunda a conjuntura de crise, aflora a possibilidade de famílias adotarem um comportamento mais conservador, optando por saldar débitos – tudo operando no sentido de redução da parcela da renda familiar que poderia ser destinada a consumo de bens e serviços. A esse respeito, é esclarecedor e preocupante o fato de que, conforme levantamento do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), chega a 55,3 milhões o número de devedores negativados – isto é, inadimplentes

### 3. DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DO VAREJO EM PERNAMBUCO

O comércio varejista, considerado neste trabalho, é composto por nove segmentos: combustíveis e lubrificantes; hipermercados e supermercados; tecidos, vestuários e calçados; móveis; eletrodomésticos; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos; livros, jornais, revistas e papelarias; equipamentos e material para escritório, informática e comunicação; outros artigos de uso pessoal e doméstico. Além desses segmentos, dois outros são analisados: veículos, motocicletas, partes e peças; e material de construção; com tal inclusão o segmento agregado constitui o já referido “comércio varejista ampliado”, agora se explicitando todas as 11 atividades que o compõem.

formais. Só no Nordeste são cerca de quinze milhões, o que equivale a aproximadamente 38% da população.

Também já foram mencionados impactos, sobre o mercado de trabalho, da desaceleração da economia brasileira. Com o mesmo sentido ilustrativo, mencione-se a particularidade do caso de Pernambuco, representada por progressiva desmobilização de contingentes de trabalhadores da construção civil, em decorrência da fase de finalização da instalação de grandes empreendimentos, a exemplo da Refinaria Abreu e Lima. Ademais, ocorreu o agravamento de problemas de suspensão de obras (decorrente de redução de gastos públicos), o que também contribui para desmobilização de contingentes de trabalhadores da construção civil. Ademais, as consequências da Operação Lavajato têm também atingido os setores de petróleo e gás e de estaleiros no Estado, provocando demissões adicionais no Complexo Industrial-Portuário de Suape. Enfim, somam-se adversidades econômicas que contribuem para redução do ritmo de vendas no comércio varejista.

As informações utilizadas para exame do desempenho do comércio varejista pernambucano, organizadas em base trimestral e referentes a 2014 e ao 1º trimestre de 2015, estão sistematizadas na Tabela 1, para o varejo e o varejo ampliado, discriminando-se cada um dos 11 segmentos pesquisados.

Tais informações evidenciam – quando se observam os resultados para 2014 e o 1º trimestre de 2015 – aprofundamento da desaceleração/redução do volume de vendas em Pernambuco, tanto no varejo quanto no varejo ampliado. De fato, de forma quase generalizada, os segmentos comerciais pesquisados – à exceção dos

segmentos de 'farmácia e perfumaria', de 'combustíveis e lubrificantes', e o de 'outros artigos de uso pessoal e doméstico' – iniciam o ano de 2015 com declínio do volume de vendas.

**Tabela 1. Pernambuco: variação trimestral do volume de vendas, por SEGMENTOS do Comércio Varejista (em %) - 1º Trim.2014 ao 1º Trim.2015(base: igual período do ano anterior)**

SEGMENTOS DO COMÉRCIO	1º TRIM 2014	2º TRIM 2014	3º TRIM 2014	4º TRIM 2014	1º TRIM 2015
Varejista	5,6	5,7	-1,0	1,5	-1,2
Varejista ampliado (1)	5,7	2,0	-2,7	1,1	-2,8
Combustíveis e Lubrificantes	10,3	-0,3	0,4	1,9	1,1
Hipermercados e Supermercados (2)	1,3	2,4	-6,1	-2,8	-4,3
Tecidos, Vestuários e Calçados	3,5	2,3	2,5	2,1	-1,1
Móveis	9,7	15,3	0,2	2,5	-7,8
Eletrodomésticos	9,1	13,5	-2,7	-1,6	-5,7
Farmácia e Perfumaria (3)	27,0	21,2	12,5	9,5	9,5
Livraria e Papelaria (4)	3,9	3,7	-5,5	-9,0	-6,3
Informática, Com., Mat. e Equip. de Escritório	3,7	-1,4	-1,8	-2,3	-26,7
Outros Artigos de uso pessoal e doméstico	4,8	14,4	4,7	13,2	12,4
Veículos, Motocicletas, partes e peças	1,7	-6,6	-6,1	0,5	-4,9
Material de Construção	20,0	3,4	-3,4	-0,3	-7,8

Fonte: Pesquisa Mensal de Comércio-IBGE. Elaboração CeplanMulti.

Novamente se observa que a desaceleração do crescimento das vendas do varejo ampliado é bastante influenciada pelo fraco desempenho do segmento de 'veículos, motocicletas, partes e peças', que tem peso significativo no comércio. Mas tal desaceleração também tem importante relação com o declínio observado no volume de vendas do segmento de 'material de construção' (-7,8% no 1º trimestre de 2015 relativamente ao mesmo período do ano anterior).

No que diz respeito especificamente ao varejo, as principais atividades que compõem o segmento também revelam queda importante de vendas no primeiro trimestre deste ano: 'móveis' (-7,8%); 'eletrodomésticos' (-5,7%); 'hipermercados e supermercados' (-4,3%); 'tecidos, vestuários e calçados' (-1,1%); 'livraria e papelaria' (-6,3%). Esse declínio quase que generalizado certamente reflete o agravamento da crise econômica, via redução dos níveis de produção e de emprego, aumento da inflação e elevação da taxa de desemprego, como comentado neste texto.



## 4. SÍNTESE

A despeito do quadro geral de desaceleração econômica, no plano nacional, em 2014, em Pernambuco – como visto no Relatório Trimestral Anterior – o comércio varejista manteve um desempenho levemente positivo. Com efeito – no resultado acumulado de 2014 – sete das onze atividades varejistas pesquisadas registraram crescimento do volume anual de vendas: ‘combustíveis e lubrificantes’ (2,8%); ‘tecidos, vestuários e calçados’ (2,6%); ‘móveis’ (6,3%); ‘eletrodomésticos’ (4,1%); ‘farmácia e perfumaria’ (16,7%); ‘outros artigos de uso pessoal e doméstico’ (9,4%); e ‘material de construção’ (4,2%). As demais apresentaram variações negativas: ‘hipermercados e supermercados’ (-1,4%); ‘livraria e papelaria’ (-1,5%); ‘informática, comunicação e material de escritório’ (-0,5%); e ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ (-2,6%).

No entanto, observa-se agravamento da contingência de crise, entre o final do ano passado e o início deste ano, quando ocorre declínio do volume de vendas, de forma praticamente generalizada, entre os segmentos do comércio. Apenas duas das atividades pesquisadas revelaram expressiva variação positiva no volume de vendas: ‘farmácia e perfumaria’ e ‘outros artigos de uso pessoal e doméstico’.

Sobre o segmento de ‘farmácia e perfumaria’ mencione-se a diversificação dos produtos oferecidos, em especial em estabelecimentos mais modernos, controlados por grandes redes. Ademais, trata-se de um segmento que envolve gastos pessoais com saúde, ou seja, bens de primeira necessidade, que têm prioridade na cesta de consumo das famílias – o que explica a expansão de 9,5% no primeiro trimestre de 2015, em relação ao resultado obtido no primeiro trimestre de 2014. Sem dúvida, um resultado que se distancia bastante do verificado nos demais segmentos do comércio varejista, o que já vinha ocorrendo em 2014.

‘Outros artigos de uso pessoal e doméstico’ é um segmento do varejo cujo mix de produtos é formado por artigos diversos adquiridos em óticas, joalherias, lojas de brinquedos e de artigos esportivos, lojas de departamento, etc. Portanto, é um resultado que é afetado positivamente pelo baixo valor unitário de parcela significativa dos artigos que compõem esse segmento e pelo fato de operar com grande volume de vendas.

Em síntese, em Pernambuco – que acompanha o quadro nacional, conforme dados examinados neste relatório – o desempenho do comércio é bastante negativo. Tal resultado reflete desaceleração do crescimento real da massa de salários e redução do poder de compra das famílias – decorrentes da aceleração inflacionária –, contração da oferta de crédito para consumo, e expectativas desfavoráveis com respeito à economia, tanto por parte dos empresários quanto dos consumidores, inclusive no que diz respeito às perspectivas de agravamento do desemprego.

Portanto, o comércio de Pernambuco – que, no ano passado, apesar do pequeno crescimento das vendas observadas no varejo, já contava com o pior resultado dos últimos anos – inicia 2015 em situação ainda mais difícil. Agora, com o quadro nacional de ajustes na política macroeconômica, os efeitos de curto prazo são inflacionários e recessivos e contribuem para alimentar expectativas pessimistas a respeito da economia, o que tende a desestimular os investimentos. O Fundo Monetário Internacional (FMI), por exemplo, em relatório “Perspectiva Econômica Regional: Hemisfério Ocidental”, informa que o Brasil pode ter em 2015 a pior desaceleração da economia em mais de duas décadas. Nesse contexto – e não poderia ser diferente – a expectativa é que o volume de vendas do comércio varejista em Pernambuco – em linha com o quadro nacional – siga apresentando resultados negativos.

## REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BCB). Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

Fundo Monetário Internacional (FMI). Perspectiva Econômica Regional: Hemisfério Ocidental. Washington, DC, abril, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (IBRE/FGV). Índice de Confiança do Comércio (ICOM). Mar/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Mensal do Comércio (PMC). Mar/2015.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Contínua (PNAD Contínua). Mar/2015.

Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor (SNIPC). Mar/2015.

## EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque  
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio: Brena Castelo Branco  
Economista: Rafael Ramos  
Designer: Nilo Monteiro

Sede provisória: Rua do Sossego, 264, Boa Vista,  
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080  
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)  
Fax.: (81) 3222-9498 / 3231-2912

Anexo: Av. Visconde de Suassuna, 114, Boa Vista,  
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-540  
Tel.: (81) 3231-6175 (PABX)  
Fax: (81) 3423-3024

